

3 DE DEZEMBRO



Imagem: Wikipedia

SÃO FRANCISCO XAVIER SACERDOTE (1506-1552)

“Muito frequentemente me vem à mente percorrer as universidades da Europa, especialmente a de Paris, e pôr-me a gritar aqui e acolá como um doido e sacudir aqueles que têm mais ciência que amor. (...) Na verdade, muitíssimos deles, entregando-se à meditação das coisas divinas, dispor-se-iam a escutar tudo o que o Senhor diz

a seus corações e, colocadas de lado suas ambições e os afazeres humanos, colocar-se-iam totalmente à disposição da vontade de Deus. Gritariam certamente do profundo de seus corações: ‘Senhor, eis-me aqui, que queres que eu faça? Manda-me para onde queiras, até mesmo para as Índias’”: com estas abrasadoras palavras, Francisco Xavier, o missionário mais audacioso de todos os tempos, procurava sacudir o torpor da Europa para que fossem enviados ao Oriente não mais cobiçosos comerciantes em busca de riquezas, mas generosos apóstolos da Boa-Nova. Ele tinha os olhos presos, sobretudo, na Sorbonne, onde se iniciaria sua extraordinária aventura.

Quando Inácio de Loyola entrou no colégio de Santa Bárbara em Paris, foi-lhe destinado um quarto para compartilhar com Pedro Fabro, sabendo que este seria um excelente companheiro para sua missão. Com Francisco Xavier, navarrês, eram jovens cheios de vida e ricos de engenho. Inácio, de idade muito mais avançada e mais acanhado no comportamento, pensou logo em incendiar os outros com aquele amor que Deus havia acendido nele em Manresa. Aguardava só o momento oportuno. Com Fabro, de coração simples e aberto, foi muito fácil; não o foi, entretanto, com o nobre navarrês.

Ele havia nascido em 1506 no castelo dos Xavier, em Navarra, e seus irmãos tinham combatido no assédio de Pamplona contra Inácio e, mesmo que num primeiro momento tenham saboreado a alegria da vitória, tiveram de sofrer depois o castigo do imperador. Aventuras tristes, mas já passadas, que no jovem Francisco não haviam deixado nenhum trauma.

UM NAVARRÊS TEIMOSO

O seu sonho, por outra parte, não eram as armas, mas os estudos, para conquistar depois as mais elevadas digni-

dades. Por esse motivo, assim que conseguiu o título de mestre em Filosofia, preparou, por meio de um notário, um documento com as provas dos seus estudos e de todos os seus títulos nobiliárquicos e o enviou ao imperador Carlos V para a ratificação. Inácio sabia de todas essas andanças, mas em seu coração tinha a certeza de que, cedo ou tarde, aquele teimoso navarrês se renderia: “Um coração tão grande e uma alma tão nobre” – disse-lhe um dia – “não se podem contentar com efêmeros amores terrenos. Sua ambição deve ser a glória que dura para a eternidade”.

A presença discreta e constante de Inácio provocava certa estranheza no coração de Francisco, mas ele não queria dá-lo a conhecer. Em vez disso, nem ele mesmo queria saber de tal coisa e, como para esconjurar todo o perigo, divertia-se rindo daqueles que se colocavam sob a orientação espiritual de Inácio. “Ele resistia” – diz o historiador R. García-Villoslada – “como um peixe que salta na água, mas que tem já na boca o anzol”.

De fato, a 15 de agosto de 1534 estava também ele, juntamente com Inácio e os seus primeiros companheiros, em Montmartre para consagrar-se a Deus para sempre, mesmo que não tivesse ainda feito os exercícios espirituais. Daquele dia em diante, deixou-se penetrar até o íntimo pelo carisma do seu pai e mestre. Sob a sua obediência, de Paris dirigiu-se para Veneza, depois para Roma e, finalmente, para o Extremo Oriente. Francisco Xavier tinha iniciado a sua divina aventura, que seria breve, mas particularmente luminosa.

MISSIONÁRIO DE NOVO ESTILO

Antes de partir para a Índia, Inácio, que o amava ternamente, instruiu-o bem sobre o método missionário da nascente Companhia de Jesus. Eis algumas linhas mestras: conhecer e adaptar-se à psicologia e aos costumes dos indígenas, evitando naturalmente os perigos da idolatria e os erros morais; colocar-se a serviço dos nativos com as obras de misericórdia, como hospitais e colégios; escolher entre os seus jovens os mais idôneos para promovê-los não só religiosamente, mas também intelectualmente, de maneira que se pudessem ser, o mais breve possível, sacerdotes e bispos autóctones; finalmente, manter sempre vivos os contatos epistolares com ele, Inácio. Essa última recomendação tinha dois objetivos: manter viva e alimentar a chama do seu carisma e sensibilizar o Ocidente a proporcionar meios e pessoal para as missões.

Francisco entendeu muito bem e tomou a sério o pensamento do seu fundador, como se vê na sua correspondência, recolhida e publicada por Inácio em Roma, em 1545, com o título de *Litterae indicae* (Cartas índicas).

Xavier partiu de Roma com a nomeação papal de núncio apos-

tólico, mas, para ter acesso ao imenso mundo oriental, tinha a necessidade da permissão e do apoio do rei de Portugal e, por isso, dirigiu-se logo para a corte de João III. Os portugueses já estavam bem estabelecidos em vários pontos ao longo da rota de circunavegação da África e depois em Goa, na Índia, e nos vários países asiáticos até as portas da China e do Japão. Outros missionários já haviam chegado acompanhando as naus portuguesas e haviam batizado indígenas que, de alguma forma, estavam ligados aos novos recém-chegados.

Xavier zarpou de Lisboa a 7 de abril de 1541, dia em que completava 35 anos. A viagem foi longa e tempestuosa, durando cerca de treze meses, enfrentando perigos de todo gênero. Assim que chegou a Goa, apresentou-se ao bispo e, mostrando o breve papal de núncio, disse: “Usarei dos meus privilégios quando e como agrade a vossa senhoria, não mais que isso”. Goa era a diocese mais extensa do mundo, porque começava em Moçambique, na África, e chegava até o Japão: havia lugar para todos. O bispo, por isso, respondeu-lhe com muita liberalidade: “Usai sem reservas todos os poderes que Sua Santidade vos concedeu”.●

DICA DE LIVRO



MÁRTIRES E SANTOS DO CALENDÁRIO ROMANO,
de Enrico Pepe, publicado
pela Editora Ave-Maria.